

A via indireta para construir o sonho

Entre a classe política e seus raros e iluminados momentos de consenso, foi sempre ponto pacífico a tese de que o candidato histórico do PMDB à presidência da República, numa eleição direta, continua sendo o deputado Ulysses Guimarães. E, no outro extremo, numa eleição indireta — como a do Colégio Eleitoral — o nome e o estilo do candidato certo era Tancredo Neves.

O PMDB sempre cultivou essas duas teses e lutou por elas como pôde. Primeiro, trabalhando para que fosse aprovada pelo Congresso Nacional a emenda do deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT), que reformava artigo da Constituição e instituía no País as eleições diretas para presidente da República. Mas esta emenda foi rejeitada na Câmara dos Deputados, em eleição histórica, ocorrida a 25 de abril de 1984.

Derrotada a Dante de Oliveira — como ficou conhecida — o PMDB não desanimou da luta pelas diretas. Restava ainda a emenda do deputado Theodoro Mendes (PMDB-SP), que tinha o mesmo objetivo da emenda Dante de Oliveira. Mas acontece que esta emenda não pôde ser votada na Câmara dos Deputados porque o PDS, então maioria nas duas Casas do Congresso, negou quorum para a votação.

E as possibilidades das diretas, então disputadas por Ulysses Guimarães — o antecandidato histórico — ficaram mais remotas. Mas a candidatura de Tancredo Neves à presidência da República já havia sido lançada. Derrotada a emenda Dante, em abril, Tancredo, já governador de Minas Gerais — eleger-se em 15 de novembro de 82 — afasta-se do cargo, em Belo Horizonte, e se lançava candidato, quer pelas diretas — caso a emenda Theodoro Mendes passasse — quer pelas indiretas, via Colégio Eleitoral. O deputado Wall Ferraz (PMDB-PI) afirma que o lançamento de Tancredo, àquela altura, "foi um salto no escuro, porque o quadro político ainda estava indefinido".

Vitória

Mas Tancredo Neves, com prestígio consolidado tanto junto aos militares — ele inclusive cursou a famosa Escola Superior de Guerra — como junto à classe política, a qual sempre pertenceu, sabia exatamente a dimensão do seu salto e o grau de claridade ou de escuridão do palco político. O lançamento desta candidatura, em maio de 84, foi a senha para que os "rebeldes do PDS" — que posteriormente saíram da sigla e criaram um novo partido, a Frente Liberal — se definissem.

O primeiro rompimento histórico dos pedessistas com o partido veio nada mais nada menos do que do vice-presidente da República, Aureliano Chaves. Descontente com a crescente influência dentro do PDS da candidatura Paulo Maluf (SP), Au-



O anúncio oficial da vitória do então candidato Tancredo Neves no Colégio Eleitoral foi um dos momentos de maior emoção que o País viveu este ano. No Congresso Nacional, ele e seus companheiros de campanha foram ovacionados pelas galerias

reliano foi o primeiro a dizer não a esta candidatura. E com esta dissidência, vieram outras, de imediato: os governadores Roberto Magalhães, de Pernambuco, e Gonzaga Mota, do Ceará, cerraram fileiras ao lado de Aureliano Chaves. Desta forma, a vitória de Tancredo começou a viabilizar-se.

Clima novo

O País, assim, saía praticamente de um clima de frustração e tristeza, provocado pela derrota da emenda Dante de Oliveira, para experimentar um clima político novo. A dissidência de Aureliano, Magalhães e Mota, alimentaram outra, a do ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

E paulatinamente, vieram novas adesões, consolidaram-se outras dissidências entre o quadro pedessista: os governadores dos demais Estados nordestinos, como Hugo Napoleão, do Piauí, Luiz Rocha, do Maranhão e José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, muito contribuíram para a consolidação desse clima

novo, clima pós-tristeza pela derrota da Dante de Oliveira. De formas que, com a última adesão à rebeldia, promovida pelo governador de Sergipe, João Alves, a vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral há muito já estava assegurada.

Aliança

Neste sentido, um momento político também novo na História do Brasil pós-64 ganhava forma. Era temperado pela tese do consenso, tese esta nascida da inteligência política de Tancredo Neves. Dizia ele, ainda numa reunião-almoço com jornalistas no Palácio do Governo, em Minas Gerais, que o momento de grave crise política e econômica que o País atravessava não poderia ser resolvido em clima de luta de classes e de luta partidária.

Para o País sair da crise, dizia Tancredo Neves, era necessário o consenso. A partir de então, Tancredo começou a falar em Aliança Democrática que consistia, na prática, na união entre os representantes do PMDB e os "rebeldes" do PDS. So-

mente com esta união estaria assegurada uma vitória do candidato das oposições no Colégio Eleitoral.

E não deu outra: no dia 15 de janeiro de 1985, o candidato do consenso, Tancredo de Almeida Neves, era o grande vitorioso no Colégio Eleitoral, com 300 votos de maioria sobre o seu opositor, deputado Paulo Maluf, que ficou com 180 votos, enquanto o candidato da Aliança Democrática obtinha 400.

A que veio

O plenário da Câmara dos Deputados, na manhã dia 15 de janeiro de 85 — ao contrário da noite de 25 de abril de 84 — transformou-se numa festa. Em seu discurso já como candidato vitorioso do consenso da maioria e da Aliança Democrática, Tancredo dizia a que veio:

"Venho em nome da conciliação" — disse Tancredo, acrescentando: — "Não podemos, neste fim de século e de milênio, quando, crescendo em seu poder, o homem

crece em suas ambições e em suas angústias, permanecer divididos dentro de nossas fronteiras". Era a reafirmação de que Tancredo pretendia ser o presidente de todos os brasileiros.

Esperança

E ainda para um plenário lotadíssimo, logo após a sua vitória no Colégio Eleitoral, Tancredo Neves afirmava, com seu poder semântico inconfundível: "Neste momento alto na História, orgulhamo-nos de pertencer a um povo que não se abate, que sabe afastar o medo e não aceita acolher o ódio. A Nação inteira comunga deste ato de Esperança. Reencontramos, depois de ilusões perdidas e pesados sacrifícios, o bom e velho caminho democrático".

— A Pátria — disse Tancredo em seu primeiro discurso após a vitória — não é mera organização dos homens em Estados, mas sentimento e consciência, em cada um deles, de que lhe pertencem o corpo e o espírito da Nação. Sentimento e consciência da intransferível responsabilidade por sua coesão e seu destino. A Pátria é a escolha, feita na razão e na liberdade. Não basta a circunstância do nascimento para criar esta profunda ligação entre o indivíduo e a sua comunidade.

Tancredo disse ainda que "não teremos a Pátria que Deus nos destinou enquanto não formos capazes de fazer de cada brasileiro um cidadão, com plena consciência dessa dignidade. Assim sendo, a Pátria não é o passado, mas o futuro que construímos com o presente; não é a aposentadoria dos heróis, mas a tarefa a cumprir; é a promoção da Justiça e a Justiça se promove com liberdade".

Nova República

Nasciam ali as primeiras linhas mestras do governo da Nova República. E Tancredo Neves, de maneira quase que profética quanto ao seu próprio destino pessoal, acrescentava: "Na vida das Nações, todos os dias são dias de História, e todos os dias são difíceis. A paz é sempre esquiva conquistada da razão política. E para mantê-la, em sua perene precariedade, que o homem criou as instituições de Estado, e luta constantemente para aprimorá-las".

Agora, resta a todos os brasileiros cumprirmos o sonho de Tancredo Neves: construir a Democracia, consolidar as instituições democráticas — inclusive adquirindo "plena consciência dessa dignidade" — porque "não há desânimo nessa condição essencial ao homem". E falamos mais alto do que o espírito totalitário, "o instinto de liberdade e o apego à ordem justa", para que se restabeleça ou se consolide "o equilíbrio social", pelo qual Tancredo lutou. Até o fim.